

Gasolina e álcool sobem 6,3%

Samuel Martins

BRASÍLIA E RIO – A partir de segunda-feira, a gasolina e o álcool subirão 6,3% no Rio. O gás de cozinha terá reajuste de 4,64% e o óleo diesel, outros 3,5%. O impacto dos reajustes no Índice de Preços ao Consumidor (IPC) calculado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) será de 0,21%, segundo o secretário de Acompanhamento Econômico do Ministério da Fazenda, Bolívar Rocha.

Ontem, uma semana antes do reajuste, não houve corrida aos postos de gasolina do Rio. Alguns motoristas aproveitaram a coincidência do tanque vazio às vésperas do aumento e abasteceram seus carros.

Os reajustes terão efeitos diferenciados sobre o consumidor em diversas partes do país, uma vez que o objetivo da medida é reduzir os gastos do governo com subsídios e não repassar aos combustíveis aumentos de preço de petróleo ou resíduos de inflação, como nos reajustes anteriores.

Pelos cálculos do governo, os reajustes deverão proporcionar uma receita de cerca de R\$ 100 milhões mensais aos cofres do Tesouro Nacional, e um total de R\$ 1,3 bilhão ao fim do ano que vem. Esse dinheiro vai ser contabilizado na conta Frete de Uniformização de Preços (FUP), administrada na Petrobrás, e será usado para liquidar os débitos de R\$ 7 bilhões, relativos ao subsídio da chamada conta álcool (o subsídio que o governo dá para manter o preço do álcool combustível), reclamados pela empresa junto ao Tesouro.

Os reajustes ocorrem 11 meses depois do último, desrespeitando intervalo de doze meses fixado como regra entre os aumentos. Os índices estabelecidos pelo governo – de 5,12% no diesel, 19,2% no Gás Liquefeito de Petróleo (GLP), o gás de cozinha, 9% na gasolina e de 4% para o óleo combustível – incidem a partir da refinaria e levam em conta um reajuste de 7% sobre o custo de frete nas regiões Norte, Centro-Oeste e parte do Nordeste. Nestas regiões, o impacto do aumento será maior do que os dos grandes centros como Rio e São Paulo, onde as bases de distribuição são próximas ao consumidor.

O secretário Bolívar Rocha informou que vai enviar correspondência a todas distribuidoras do país para que “evitem um aumento de confusão” na fixação dos preços nas bombas de combustíveis. Segundo o secretário, as tarifas de distribuição de energia elétrica e de telefone só poderão ser reajustadas a partir de maio do ano que vem, quando completam 12 meses do último reajuste.

Aumentos indiretos – O professor de Educação Física Paulo Barroso, que ontem gastou R\$ 10 no Posto Félix Palassiano, na Avenida Vieira Souto, em Ipanema, não estava preocupado. “Na ponta do lápis, os 6% não interferem tanto. O problema é que no Brasil aumento de combustível é ponto de partida para subida geral de preços, seja de comida ou de passagem”, disse.

Exceção à regra, a funcionária pública federal Vera Piñeiro foi uma das poucas que saíram de casa ontem para abastecer o carro antes do aumento. “Vi na TV e pedi para minha filha esperar eu encher o tanque antes de entregar o carro para ela”, contou ontem no posto Baobá Lido, na Avenida Atlântica, em Copacabana.

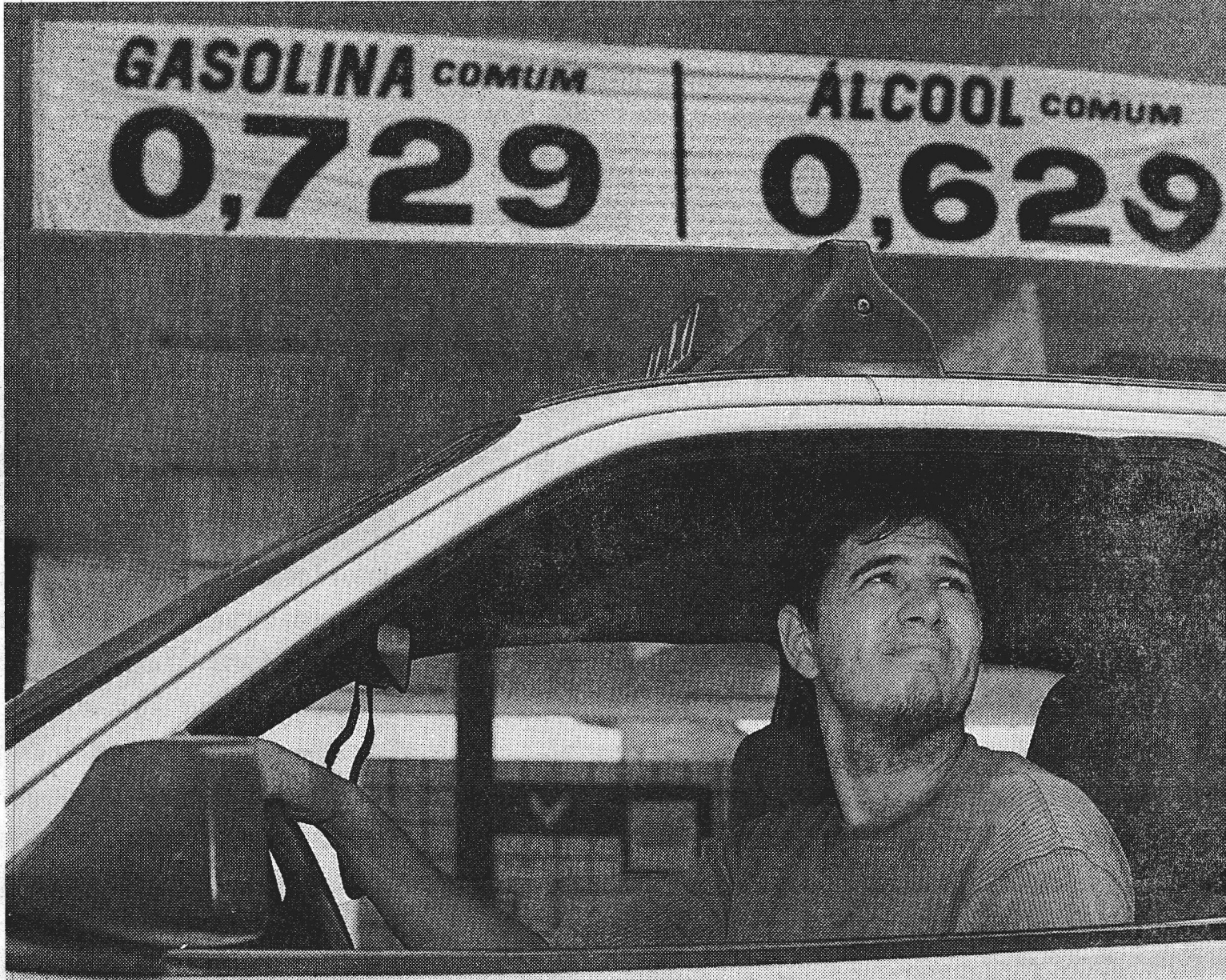
O efeito do aumento também não tirou a tranquilidade de quem comanda as bombas de combustíveis. “Quem anda de carro não vai deixar de fazer isto por causa do aumento. Também acho que não vai haver corrida aos postos, já foi o tempo. Hoje, estamos na época dos R\$ 10”, argumentou Fernando Carneiro, do Posto Palmar, na Tijuca.

Quem ganha a vida ao volante pensa diferente. Entre os taxistas, a insatisfação beira a revolta. “É um absurdo. Fui multado por pegar passageiro semana passada e agora vou pagar mais pela gasolina”, desabafou o taxista Carlos Ademir, 11 meses na praça. “Isto já é inflação. O governo tem que dar um jeito de repassar este aumento para a gente”, reclamou o taxista Advaldo Nascimento.

Fernanda Campbell, que usa uma Towner para fazer transporte escolar, vai enviar cartas aos pais explicando o aumento e reajustando seu preço. “É chato, é desagradável, mas não posso deixar de cobrar.”

Pego de surpresa depois do anúncio feito pelo governo federal, o prefeito Luiz Paulo Conde ainda não sabe se o aumento dos combustíveis vai implicar a elevação do valor das passagens de ônibus e das tarifas dos táxis. “Não posso dizer o que vai acontecer, mas que o pacote vai afetar, isso vai”, garantiu Conde.

A Federação Nacional de Revendedores de Combustíveis, que representa 25 mil postos em todo o país, evitou dar declarações sobre o impacto do aumento nos preços. “Não podemos dizer o que vai acontecer. As distribuidoras têm o preço liberado. Não sabemos quanto elas vão repassar para os revendedores”, disse o assessor de imprensa da federação, Roberto Schneider. Mas, por enquanto, a dúvida vai persistir. O Sindicato das Distribuidoras de Combustível (Sindicom), não divulgou uma posição. Ficou decidido que cada empresa iria responder individualmente se repassará ou não os preços para os produtos.



Para Carlos Ademir e outros taxistas, o governo teria que estudar também um modo de compensá-los por esse “aumento absurdo”